

Teatro de Reprise

IMPROVISANDO COM E PARA GRUPOS

ROSANE RODRIGUES



TEATRO DE REPRISÉ

Improvizando com e para grupos

Copyright © 2016 by Rosane Rodrigues

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

PREFÁCIO • IMPROVISAÇÕES ESCRITAS	9
AQUECIMENTO VINCULAR	13
1 AQUECIMENTO DRAMATÚRGICO: UM OLHAR HISTÓRICO E CONCEITUAL PARA INICIANTES EM SOCIOPSIODRAMA	20
Histórico	20
O sociopsicodrama no Brasil.	37
Contribuições e atualizações brasileiras da teoria que sustentaram o Teatro de Reprise	45
2 AÇÃO DRAMÁTICA: TEATRO DE REPRISÉ	67
Perspectiva em relação ao Playback Theatre	67
Histórico do Teatro de Reprise	75
Localizando o Teatro de Reprise no sociopsicodrama	86
Funcionamento da metodologia	99
Técnicas psicodramáticas e sua derivação para o Teatro de Reprise	103
A intervenção – ambiente	111
Etapas detalhadas	114
Etapas do Teatro de Reprise (<i>modus operandi</i>)	119
O coconsciente e o inconsciente no Teatro de Reprise	169
3 COMPARTILHAMENTO: UMA INTERVENÇÃO EXEMPLO UTILIZANDO A METODOLOGIA DO TEATRO DE REPRISÉ	185
Relevância dos sociopsicodramas públicos	188
Procedimento da intervenção	190
4 E, AFINAL, O TEATRO DE REPRISÉ COMO UMA EXPRESSÃO DO POÉTICO DO TEATRO NO SOCIOPSIODRAMA	223
BIBLIOGRAFIA	231

Prefácio

Improvisações escritas

“Ser contadora de histórias reais é acolher a vida para transformá-la em narrativa de vida. É só como história contada que podemos existir. [...] Toda história contada é um corpo que pode existir. É uma apropriação de si pela letra-marca de sua passagem pelo mundo. O ponto-final de quem conta nunca é o fim, apenas princípio.” (Meus desacontecimentos, Eliane Brum).

DA PLATEIA JÁ AQUECIDA para a atividade dramática surge um primeiro emergente grupal. Ele, o psicodramatista, nos conta a seguinte cena: após aceitar um honroso convite para escrever um prefácio, começa a ser povoado por inúmeras cenas que viveu em companhia da autora desse livro. Cenas que ficaram gravadas em seu corpo... Ouve-se ao fundo um ego-músico, que canta uma canção de Chico Buarque: “... quero ficar no teu corpo feito tatuagem, que é pra te dar coragem, pra seguir viagem, quando a noite vem...”

Solilóquio do emergente grupal: As histórias de meu percurso enquanto psicodramatista são atravessadas em quase todos seus momentos pela força, experiência e generosidade da autora do presente livro, o que torna a tarefa de escrever tal prefácio ainda mais árdua, pela grande carga afetiva que se mobiliza em mim ao longo dessa ação de escrita. E, se lágrimas fluem enquanto o escrevo, são pelas recordações das cenas vividas e pelas

transformações geradas nessa intensa relação que se estabeleceu entre nós. Se escrevo tal prefácio é apenas como aquecimento vincular aos seus futuros leitores, que pretendem mergulhar nesse universo rico, ético e estético do Teatro de Reprise. Rosane Rodrigues dispensa apresentações, seu pertencimento criativo na comunidade psicodramático brasileira é mais do que sabido e merecido.

A primeira cena que gostaria de contar é de um tempo em que ainda era aluno de Psicodrama no Instituto Sedes Sapientiae, e Rosane pedia como trabalho de sua disciplina que cada um dos alunos levassem uma obra de arte que eles mesmos tinham feito. Levei o rascunho de um quadro que ainda pintaria em algum momento futuro. Esse quadro, um óleo sobre tela, encontra-se atualmente em meu consultório e a figura nele pintada é inspirada numa escultura fluída. Hoje, numa espécie de inversão de papéis, é Rosane quem me entrega sua obra de arte.

A arte sempre está presente no fazer sociopsicodramático de Rosane, tanto em suas aulas quanto em suas intervenções clínicas pelo mundo afora, contagiando a quem dela se aproxima. Essa força poética da arte lhe dá envergadura para criar e escrever uma obra situada entre o teatro, a socionomia e o Playback Theater, alimentando-se ora de um, ora de outro, de acordo com suas necessidades de criação nesse universo rico e singular do Teatro de Reprise. Rosane com isso deixa uma marca diferencial e singular no movimento psicodramático brasileiro, ao dar corpo e consistência a um novo território por ela criado ao longo de anos de pesquisa e de atividades com grupos. Extremamente generosa, oferece um amplo passo a passo a quem queira reproduzir seu método de trabalho, estabelecendo zonas de vizinhança e de diferenciação entre o que faz e aquilo de que se alimentou em sua criação.

Sente-se ao longo da leitura desse livro sua mão colada a nossa em cada parágrafo, talvez pela sua ampla experiência como psicoterapeuta e no ensino de psicodrama, pois ela sabe da ne-

cessidade de nos acompanhar na exploração de território tão singular como o do Teatro de Reprise.

Aliás, o acolhimento é uma das marcas de seu método, e eu arriscaria dizer que é um de seus valores principais. Rosane repete isso em várias passagens, ao entender sua proposta a partir da inclusão total de Moreno em seus trabalhos com o Teatro de Reprise. Mas, se tal acolhimento é sentido em cada linha como uma função de maternagem (*cluster 1*), e tão bem exemplificado com a caso de Beth (nome fictício dado pela autora a uma participante de um trabalho no Centro Cultural São Paulo), Rosane não deixa dúvidas em sua função paterna (*cluster 2*) de que é preciso ter uma sólida formação em Socionomia para fazer Teatro de Reprise, quer seja pelo domínio dos conceitos que utiliza, quer seja pelo elegante manejo de suas técnicas. Esse mostrar-se por inteira, um constante desnudar-se, como dois irmãos que conversam e trocam segredos íntimos longe do olhar dos pais, estabelece uma relação horizontal com seu leitor em cada passo de sua escrita, atualizando uma função fraterna (*cluster 3*).

Mais do que um método de intervenção grupal, no Teatro de Reprise de Rosane Rodrigues faz-se um *ethos*, impregnando certa atitude de vida na relação com seu público, com seus alunos, com seus colegas de trabalho e, agora, com seus leitores. *Ethos* que acolhe, que contorna e que compartilha suas experiências clínicas, enriquecendo assim a própria Socionomia e levando adiante o projeto moreniano de obra aberta à criação.

Mas deixemos de lado minhas imprecisões a respeito do Teatro de Reprise, um pretense espelho ressonante do que antecipadamente li e experimentei, e que se abram as cortinas de nossos ouvidos e corações para a real protagonista desse livro, nossa primeira combatente a narrar suas histórias, deixando-nos livre enquanto egos-atores para improvisá-las pelos palcos da vida os quais cada um circula, multiplicando-as. Enquanto nos

aquecemos na improvisação, fiquemos com mais uma canção de um de nossos egos-músicos:

*“Sai de si
Vem curar teu mal
Te transbordo em som
Põe juízo em mim
Teu olhar me tirou daqui
Ampliou meu ser...”*¹

ANDRÉ MARCELO DEDOMENICO
São Paulo, novembro de 2015.

1. “Encontro”, Maria Gadú.

Aquecimento vincular

INTEGRANDO AS LINGUAGENS DO teatro e do psicodrama, o texto busca contar o “caminho das pedras” de uma metodologia brasileira que interage com o público de maneira improvisada, gerando real interlocução entre palco e plateia: o Teatro de Reprise brasileiro.

Este livro foi concebido a partir da minha tese de doutorado em Artes Cênicas (Pedagogia do Teatro), na Universidade de São Paulo, pela qual obtive aprovação com indicação de trabalho de referência, por dialogar e fazer fronteira com áreas como Psicologia, Teatro, Educação e Ciências Sociais. Uma parte da tese foi escrita durante uma estadia de estudos e pesquisa em Lisboa, patrocinada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Ministério da Educação e Cultura (Capes/MEC), um órgão público brasileiro.

Em 1993, quando surgiu o Teatro de Reprise, na cidade de São Paulo, inspirado no Playback Theatre americano (1975) de Jonathan Fox, o Grupo Reprise, do qual eu fazia parte, estabeleceu uma relevante inovação no cenário sociopsicodramático e nas artes cênicas do Brasil. Naquela ocasião, o movimento psicodramático brasileiro buscava o entendimento da linguagem cênica e a aceitação da potência estética contida nas intervenções sociais, com foco nos grupos e em sua sociodinâmica. Naquela altura, não se poderia descortinar como o Teatro de Reprise, um acontecimento isolado, se desenvolveria e coadjuvaria vários movimentos de pesquisadores brasileiros, dando ao

sociopsicodrama nacional a relevância política e científica de que hoje desfruta internacionalmente.

Eu mesma não poderia imaginar a importância que essa metodologia viria a ter na minha vida profissional e quais reflexos práticos e teóricos se produziriam. Durante minha convivência e prática com o Teatro de Reprise, ensaiei algumas vezes parar para estudar e escrever sobre ele. Tal chance surgiu por intermédio da universidade, com o doutorado, oportunidade na qual pude dialogar principalmente com os artistas cênicos, já que a pós-graduação acontecia não em um instituto de Psicologia, de onde vim, mas no seio da mais importante universidade brasileira em artes cênicas: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

O livro foi uma consequência desse estudo e, obviamente, para quem se interessar especificamente por psicodrama ou necessitar de mais esclarecimentos sobre essa abordagem, sugiro verificar diretamente a tese que deu origem a essa publicação, na qual me alonguei em explicar e historiar o psicodrama e a teoria sacionômica, além de contar as inovações brasileiras nessa área.

Parte do texto foi escrito em Lisboa, em um quarto alugado para pensar no teatro, no psicodrama e no Teatro de Reprise, inspirada pelos sons e imagens lusitanos em época de primavera e verão.

Relembrando meu percurso profissional, constato uma trajetória desde a minha infância marcada por um enorme interesse por livros e palcos, por poesia e balé clássico. Também é importante o curso no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) feito nos anos 1970, em pleno regime militar, com professores sérios e éticos, embora com pouca abertura para abordagens que tratassem do assunto corpo e muito menos de ação. Faço parte da geração que ajudou a mudar a sisudez e chegar ao que temos hoje. Fomos vitoriosos e conquistamos a democracia, que ainda tenta se afirmar. Mas, infelizmente, o padrão que se estabelece hoje é o da evitação da dor, a qualquer custo, consumindo muito e evitando o vazio e a angústia ao máximo.

O psicodrama surgiu como uma resposta e para o meu desenvolvimento. O movimento psicodramático, como eu mesma, estava também desabrochando no cenário brasileiro. Para mim, o caminho da ação (dramática) foi uma escolha não tão corporal nem tão verbal. A formação em Psicodrama Clínico de quatro anos, pelo Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae (DPSedes), e o mestrado em Artes, na Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP), por dois anos, levaram-me ao palco e devolveram-me aos livros de uma maneira inteiramente nova. Psicodrama e teatro: grandes paixões! Até hoje.

Essa trajetória mostra uma necessidade de buscar respostas que integrassem o conhecimento teórico mediante práticas encarnadas numa vertente ética e não moralista. Meu trabalho, desde esse momento, na psicologia clínica, no ensino, como nas organizações, tem sido pautado por essa busca.

O criador do psicodrama, Jacob Levy Moreno (1889-1974), e seus seguidores ofereciam então uma metodologia que colocava em cena qualquer tipo de assunto, fosse privado, conceitual ou comunitário, com o objetivo de investigar e transformar ao mesmo tempo. Com inspiração do teatro, um indivíduo, investido de um personagem (autor), leva ao palco seu esboço de cena, como desbravador de um grupo, interessado em certa questão. Um diretor (psicodramatista) conduz o autor pelos caminhos de “sua” cena, que de fato é uma cena emergente do grupo presente. Acrescentando ao autor, o ator de sua cena a desdobra, aprofunda, modifica, cria nova partitura a partir dela, com a ajuda dos auxiliares da equipe e também de atores espontâneos, chamados de ego-auxiliares. Esse diretor usa algumas técnicas durante o desenvolvimento da cena, criadas por Moreno para ajudar o autor/ator em sua busca na ação dramática inteiramente improvisada.

A ação dramática ou dramatização para o sociopsicodrama é tanto uma etapa da sessão quanto um procedimento que constrói o enredo da cena aos poucos, por meio do improviso, ali mesmo,

naquele momento. Não há, como no teatro (ou como deveria ser), uma ideia prévia que se queira passar para a plateia. No máximo, apresenta-se um tema já bem estudado pela equipe, porém a verdade sobre esse tema vai surgir do grupo durante o desenrolar das cenas, de forma harmoniosa ou dissonante.

Drama ou dramatização no meio teatral possui conotações mais ligadas ao teatro burguês ou à superficialidade. Já no psicodrama, significa a configuração de um contexto permissivo à imaginação daquela plateia presente.

A ação dramática no psicodrama se desdobra até que o autor/ator/protagonista/personagem de si mesmo sofra uma brusca transformação em sua maneira de ver a questão em pauta. Algo que vá além de uma percepção da situação, que produza um efeito emocional intenso e torne esse autor mais potente e gradualmente menos ressentido. O grupo participante se torna igualmente mais potente e menos ressentido. Esse algo novo pode ser chamado de “*insight* dramático” ou, em grau mais extenso, de “catarse de integração”. Em linguagem coloquial: uma “grande sacada”, um salto na compreensão do tema em questão. Esse é o momento em que conteúdos incoerentes, paradoxais, inaceitáveis, que tornavam a situação inatingível, imutável ou, ainda, esvaziada, se transformam. Também se transformam os indivíduos envolvidos. Claro que a ação dramática não tem as consequências da vida real e, por isso mesmo, ela prepara e amplia o autor e seus pares para ela, segundo uma nova visão ficcional da questão/conflito.

Essa poderia ser a descrição de um sociopsicodrama clássico moreniano, um relato que intencionalmente evita variações, exceções e novas contribuições à metodologia. O importante e relevante aqui é que o autor descrito volta do palco para o contexto grupal renovado e encontra seus companheiros de trajetória agradecidos por todos os caminhos abertos a cada um. O grupo também sofre, junto com o autor/ator, a “catarse de integração” e, ao final, compartilha com ele as peculiaridades de cada caminho

trilhado, ajudando-o a sentir-se menos só em sua solitária estrada. O caminho de aprofundamento da questão/conflito pode ser uma dificuldade de lidar com a violência na comunidade ou as razões de certa desmotivação num setor de uma empresa.

Seguindo minha trajetória como psicoterapeuta psicodramatista, professora de psicodrama e atriz amadora, deparei com o Playback Theatre (PBT) em 1993. Criada por Jonathan Fox em 1975, a metodologia americana coloca em cena histórias reais da plateia, por meio de atores, para que o autor assista a elas. Novamente encontro uma resposta para os dois mundos de meu interesse, o grupal e o palco, o psicodrama e o teatro. Ao batizarmos de Teatro de Reprise (TR), eu e a equipe que começou essa metodologia no Brasil, o Grupo Reprise, assim como a Rede Internacional de Playback Theatre, supúnhamos que se trataria de uma tradução, com algumas diferenças.

Aos poucos, notamos várias especificidades de procedimentos do TR, porém somente ao me aprofundar nos estudos é que ficou nítida para mim a especificidade mais expressiva da nova metodologia: o ponto de vista sobre o narrador fundamentalmente pela via da grupalidade do sociopsicodrama no TR. Já o PBT, por sua vez, chega à comunidade e trabalha com o grupo, mas encara o narrador individualmente, como alguém que “beneficia” a plateia e é “beneficiado” por ela.

Importante salientar que o PBT original se constitui a matriz de referência para as comparações feitas neste livro, servindo de base para meu conhecimento do método, principalmente a dissertação de Siewert (2009), o livro da cocriadora do PBT, Jo Salas (2000), um encontro pessoal com ela em 1994 e algumas cartas que trocamos em 2006 sobre as diferenças entre a maneira de trabalhar do International Playback Theatre Network (IPTN) e a do Teatro de Reprise.

Durante o meu mestrado em Artes, também observei semelhanças e especificidades entre o teatro e o sociopsicodrama. Percebi naquele período de pesquisa que os psicodramatistas,

assim como os artistas cênicos, pouco ou nada sabiam sobre os estudos uns dos outros. De ambos, notei fundamentalmente preconceito e, com mais frequência, desinformação. Por isso, tenho militado no meio sociopsicodramático pelo conhecimento do teatro, tentando facilitar o acesso dos psicodramatistas à quantidade de ações semelhantes que temos com professores de educação artística, atores, dramaturgos e diretores teatrais.

Percebo que, atualmente, um expressivo número de psicodramatistas já valoriza o conhecimento teatral em estudos mais aprofundados das intervenções que envolvem a psique humana, assim como nas ações na dimensão do coletivo. O preconceito ainda existe, porém em grau muito menor. Entretanto, no teatro, vejo diretores que, em nome de certo resultado pretendido e ainda que bem-intencionados, expõem seus atores a experimentações irresponsáveis, com pouco conhecimento necessário, parecido com o que era feito nos anos 1970. Depois que obtêm o resultado, não oferecem retaguarda para que o ator ou o grupo de teatro saiba o que fazer com o que foi dissecado.

Cada vez mais, o teatro se aproxima do sociopsicodrama, o que é desejável. Porém, com pouco ou nenhum conhecimento, principalmente dos fenômenos grupais, não se pode usufruir do que potencializaria o trabalho artístico, como um aquecimento adequado do público ou um fechamento coletivo, de tal forma que todos pudessem viver o trabalho de maneira emocionante, intensa e igualmente segura, sustentada e sustentável. Claro que isso é conquistado em raras e honrosas exceções, como, por exemplo, no trabalho da inspiradora e saudosa atriz e diretora Miriam Muniz.

Tudo isso fez parte do meu retorno à academia para realizar o doutorado, uma maneira de estudar esses caminhos quase paralelos: o teatro e o sociopsicodrama. De certa forma, eu daria continuidade à imensa contribuição de Augusto Boal com seu Teatro do Oprimido, que, usando uma perspectiva relacional e essencialmente política, produziu um teatro libertador.

A metodologia do TR é uma modalidade relativamente pouco estudada. Há menções ao TR brasileiro em algumas novas publicações, mas ainda se percebe uma confusão entre o que seria o Teatro de Reprise, o Playback Theatre e os modos do Teatro do Oprimido de Boal, teatro fórum, teatro imagem, arco-íris do desejo etc.

Trabalho com a metodologia do TR há mais de 20 anos e observo que os grupos e a plateia que participam de atividades em que ela é usada podem integrar conceitos de maneira duradoura e eficiente, partilhando um conhecimento adquirido pela comunidade ou simplesmente saindo da experiência mais potentes, valorizando seus relacionamentos e a si mesmos como seres históricos. Percebo ainda que os métodos vivenciais e interativos ampliam e multiplicam os sentidos e as verdades, flexibilizando e articulando conceitos rígidos, notadamente no mundo corporativo. Também no contexto do trabalho comunitário e da busca de cidadania, tais métodos produzem efeitos de significação e integram atitudes importantes para a cultura de determinada comunidade.

A natureza poética do método potencializa o efeito grupal e individual do tema proposto. O respeito, a delicadeza e a metáfora, contidos na leitura realizada pelo elenco, podem ser altamente transformadores, como um ritual de passagem.

A modalidade sociopsicodramática Teatro de Reprise é também uma reflexão sobre como acontecem o processo de transformação, o aprofundamento de temas e até a aprendizagem mútua, na coconstrução e corresponsabilização propiciadas pela metodologia, por meio da mobilização do coconsciente e do inconsciente grupais (consciente e inconsciente compartilhados por mais de uma pessoa, com intimidade e história comuns).

1 Aquecimento dramatúrgico: um olhar histórico e conceitual para iniciantes em sociopsicodrama

HISTÓRICO

O psicodrama costuma despertar nos iniciantes e até mesmo nos iniciados um acender apaixonante de seus idealismos. Parece que certo perfil sonhador quixotesco é comum entre os que, como eu, elegem essa abordagem como referencial. Quem teve contato pessoal com seu criador, Jacob Levy Moreno (1889-1974), ou lê alguns trechos em que ele nos arregimenta para as fileiras do tratamento da humanidade, a sociatria¹, dificilmente não é arrebatado por um convite à ação, à liberdade, à espontaneidade, à inclusão e ao respeito às diferenças na convivência coletiva.

A trajetória de Moreno, seus conhecimentos teatrais e suas ideias vanguardistas, ousadas e revolucionárias criaram as bases da psicoterapia de grupo, do psicodrama e da sociometria².

Uma personalidade marcante, carismática e inquieta torna superlativas todas as descrições feitas por quem o conheceu ou o estudou. Moreno nasceu em 1889, na Romênia, onde viveu por cerca de seis anos, mudando-se então para Viena, na Áustria. Encontrou-se, portanto, num cenário de grande ebulição da psicologia, da filosofia, das artes etc. Em 1925, mudou-se definitiva-

1. Trata-se de uma proposta utópica de Moreno, na qual se poderia fazer um tratamento que abarcasse a humanidade inteira.

2. Conjunto de técnicas para medir e estudar os processos vinculares (vínculos ou relacionamentos entre pessoas) que se manifestam nos grupos humanos.